

## POLÍTICA EM TEMPOS DE GUERRA: A TENTATIVA DE RECONSTRUÇÃO DO ANTIFASCISMO ITALIANO EM SÃO PAULO EM 1942/43

João Fábio Bertonha

*Doutorando em História Social/UNICAMP e bolsista FAPESP*

---

RESUMO: O presente artigo faz uma tentativa de avaliar criticamente a experiência antifascista italiana em São Paulo durante os anos 20 e 30. Para tanto, buscou-se resgatar a tentativa de reconstrução desse antifascismo em 1942/43, avaliar seus sucessos e fracassos e explicá-los dentro do contexto da época. Com este exercício, acreditamos poder entender melhor alguns aspectos do processo de integração dos imigrantes italianos na sociedade brasileira, assim como a própria vida política e social brasileira do período.

ABSTRACT: This article intends to evaluate critically the Italian antifascist experience in São Paulo during the 1920's and 1930's. It seeks to recover the attempts to reconstruct the antifascist movement in Brazil in 1942/43, to evaluate its successes and its defeats and to explain the latter within the context of the period. This would allow us to have a better understanding of some aspects of the Italian experience in Brazil as well as of the Brazilian political and social life in this period.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo, antifascismo, italianos, II Guerra, *Italia Libera*

KEYWORDS: Fascism, antifascism, italians, Second World War, *Italia Libera*.

---

Entre os anos 20 e 40 desse século, um confronto em especial marcou as coletividades italianas presentes em vários recantos do globo: a dos fascistas contra os antifascistas. Por um período de mais de vinte anos, de fato, estes dois grupos lutaram pelo controle das mentes e das almas dos imigrantes italianos e de seus filhos espalhados pelo mundo, gerando tensões e conflitos dentro dessas comunidades.

O Brasil não esteve imune a este problema, com ações fascistas e antifascistas se sucedendo no interior das coletividades italianas (e mesmo fora delas) espalhadas pelo país. Esta apreciável ação do fascismo italiano no Brasil pode nos ensinar muito tanto sobre a comunidade italiana, como sobre a própria sociedade brasileira do período (através, por exemplo, da verificação de sua ligação com o Integralismo e do

seu papel na popularização das idéias de direita no país). Ainda assim, não é sobre o fascismo italiano em ação no Brasil que se concentram nossas preocupações neste texto, mas sim no seu oposto, ou seja, o antifascismo italiano presente em solo brasileiro no período entre-guerras

Esta opção pelo antifascismo não significa que estejamos relegando a um segundo plano a atuação fascista (pois, afinal, um inexistente sem o outro) e sim privilegiando uma seleção temática que pode nos ensinar muito sobre ambos os movimentos.

Mesmo a discussão a fundo da questão do antifascismo ítalo-brasileiro no período entre-guerras exigiria, porém, um número de páginas que infelizmente não temos condições de mobilizar no momento. A tentativa de reestruturação desse antifascismo em 1942, quando o Brasil entra na II Guerra Mundial, nos fornece, contudo, uma ocasião excepcional para visualizarmos as forças e as fraquezas do antifascismo italiano em ação no Brasil não só em 1942 mas em todo o período entre-guerras. Um verdadeiro microcosmo da experiência antifascista italiana no Brasil está, pois, disponível e é nossa intenção aproveitá-lo.

Nesse sentido, o texto se inicia com uma síntese da ação do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil (e mais especificadamente em São Paulo), de importância básica para inserir o leitor no contexto em que estamos trabalhando. Posto isso, apresentaremos algumas idéias para explicar as vicissitudes da ação antifascista italiana no Brasil entre 1923 e 1939 e, logo em seguida, as aplicaremos no contexto de 1942. Esperamos que esse contraponto de hipóteses e conclusões num contexto histórico diferente daquele vivenciado pelos antifascistas nos anos 20 e 30, nos ajude a identificar com mais acuidade o caráter da experiência antifascista italiana no Brasil do entre-guerras e, por conseguinte, alguns meandros da própria vida social e política brasileira no período.

## Fascistas e antifascistas italianos em São Paulo no entre-guerras

Desde os incícios de suas atividades, o Partido fascista (e depois, o governo fascista) procurou transferir seus ideais para seus concidadãos residentes no exterior. Nesse sentido foi feito todo um esforço no sentido de manter viva a italianidade entre os imigrantes e seus descendentes e de inculcar a ideologia fascista entre eles, de forma a manter os laços entre as comunidades italianas espalhadas pelo mundo e a Itália fascista<sup>1</sup>. São Paulo não fugiu à regra<sup>2</sup>. Desde 1923, começam os esforços fascistas para cativar os italianos e seus descendentes residentes no Estado. É principalmente a partir de 1928, porém, com a chegada dos cônsules *fascistas* ao Brasil<sup>3</sup>, que os esforços fascistas serão redobrados, com todos os meios sendo empregados na tarefa de cativar os imigrantes.

E que meios seriam estes?<sup>4</sup> Na realidade, o fascismo se serviu de duas vias principais para a busca do consenso no seio da comunidade italiana. De um lado, procurou-se fazer uma penetração direta nesta comunidade através da expansão da rede consular e da

<sup>1</sup> Note-se que essa política da Itália fascista de manutenção de contatos com as comunidades emigrantes italianas não é exclusiva do Brasil. Todos os países de imigração italiana foram afetados.

<sup>2</sup> Cumpre ressaltar que São Paulo não foi o único estado brasileiro afetado pela propaganda fascista. Todos os lugares onde havia comunidades italianas e especialmente o sul do país também foram atingidos. Para a situação no Rio Grande do Sul, vide Berenice Corsetti (CORSETTI, 1986) e os textos de Loraine Slomp Giron (GIRON, 1986 e 1994).

<sup>3</sup> Ver CERVO (1992, p. 89-112). Para o caso canadense, bem similar ao brasileiro, vide LIBERATI (1984, p. 423) e SANTARELLI (1974).

<sup>4</sup> Um verdadeiro manancial de informações sobre a ação fascista no Brasil pode ser localizado em Ângelo Trento (TRENTO, 1989, p. 267-404).

implantação, em São Paulo, de órgãos fascistas propriamente ditos: os *fasci all'estero*<sup>5</sup>, os *Dopolavoro*<sup>6</sup>, etc.

Ao mesmo tempo em que implantava seus instrumentos de propaganda e doutrinação no Brasil, o fascismo italiano ia agindo por outras vias no esforço supremo de conquistar as mentes e as almas dos italianos residentes em São Paulo. Nesse sentido, o consulado italiano foi agindo, no decorrer de todos os anos 20 e 30 e mais especialmente após a chegada em São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini (dedicado propagandista do regime) em 1928, com a intenção de controlar os órgãos que davam vida à assim chamada *colônia italiana*. Escolas, jornais, associações (...), esses órgãos foram caindo um após o outro sobre o controle do fascismo, que os transformava em novos instrumentos para a difusão dos valores do regime.

Uma grande estrutura de propaganda foi, assim, organizada com o objetivo de difundir o fascismo em São Paulo. Uma avaliação mais segura do sucesso dessa campanha entre os italianos e brasileiros ainda está sendo desenvolvida, mas não resta dúvida que a ação do fascismo italiano em São Paulo foi bastante apreciável, merecendo uma atenção maior da historiografia que, até agora, dedicou-se apenas marginalmente ao tema<sup>7</sup>.

Desde os inícios da penetração do fascismo em São Paulo, porém, este enfrentou a oposição de homens que não concordavam com aos atos do regime de Mussolini e que traziam esta luta para a terra paulista.

Já em 1919, de fato, periódicos de esquerda ligados à colônia italiana (como o anarquista *Alba Rossa* e outros) começam a publicar textos contra o fascismo. A primeira manifestação sistemática de antifascismo italiano em São Paulo foi, porém, a fundação do jornal *La Difesa* em 1923, por iniciativa de Antonio Piccarolo, socialista moderado italiano radicado no Brasil desde 1908 e muito ativo na vida da coletividade<sup>8</sup>.

Esse jornal abrigará várias correntes antifascistas (como os republicanos, os socialistas e os antifascistas ligados à *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo - LIDU*) no seu interior, o que levará a conflitos internos. Em 1925, os antifascistas italianos aglutinados em torno do *La Difesa* conseguem criar a primeira instituição antifascista real: a *Unione Democratica*, sendo *La Difesa* seu órgão oficial.

No início de 1926, uma assembléia da *Unione Democratica* faz com que ela se incorpore à LIDU e, ainda nesse ano, Piccarolo abandona - pelo que consta, por razões pessoais - a direção do jornal e, apesar de continuar trabalhando nele, a transfere para Francesco Frola, recém chegado da Europa<sup>9</sup>.

Frola introduz mudanças no jornal, abrindo-o para outros antifascistas italianos como os anarquistas Oreste Ristori, Angelo Bandoni e Alessandro Cerchiai; os comunistas Goffredo Rosini e Ertulio Esposito e muitos outros. Devido a esta abertura (inimaginável nos tempos de Piccarolo) e a outros fatores (BERTONHA, 1995), Frola entra em atrito com Piccarolo, disputando com ele o privilégio de se tornar o representante brasileiro da *Concentrazione*

<sup>5</sup> Sobre os *fasci all'estero*, vide FABIANO.

<sup>6</sup> Sobre o *Dopolavoro*, a bibliografia é numerosa. Vide, por exemplo (DE GRAZIA, 1981). Ver também a bibliografia citada em GUERRINI (1994).

<sup>7</sup> Os únicos textos disponíveis sobre a questão são (TRENTO, 1989, p. 267-404) e (BERTONHA, 1994).

<sup>8</sup> Sobre Piccarolo, vide ANDREUCCI (1975, vol. 4, p. 121-123); HECKER (1989) e BERTONHA (1994 e 1994c).

<sup>9</sup> Há poucas informações sobre o conde Frola. Vide ANDREUCCI (1975, vol. 2, p. 397) e dados exparsos em TRENTO (1989, p.346-387).

*Antifascista* (união de partidos políticos italianos antifascistas, com sede em Paris)<sup>10</sup> e o controle do *La Difesa*. Piccarolo vencerá esse conflito em 1930, transferindo a direção do jornal para Nicola Cilla e Mario Mariani, antifascistas recém chegados à São Paulo e que conduzirão, junto com Piccarolo, os destinos do *La Difesa* até seu fim em 1934<sup>11</sup>.

A experiência do *La Difesa*- conduzida centralmente pelos socialistas, de diferentes matizes, italianos<sup>12</sup> - foi a mais importante dentro do antifascismo italiano no Brasil. Mesmo durante a existência do *La Difesa*, porém, outros grupos e correntes mantinham seus jornais e organismos de luta antifascista, como o *Bolletino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti*; o *Il Becco Giallo* de Nino Daniele, o *I quaderni della Libertà* de Alessandro Cerchiai, o *Italia Libera* de Pasquale Petraccone e outros. Estes grupos mantinham um bom relacionamento com o *La Difesa* na gestão Frola mas colidem violentamente com o jornal quando ele retorna às mãos da tríade “Piccarolo, Cilla e Mariani” em 1930, gerando conflitos internos que ajudaram a minar o antifascismo.

Com o fim do *La Difesa* e da *Concentrazione* em 1934, o mundo antifascista italiano de São Paulo começa a perder fôlego. Ainda assim, ele continuará a lutar, através de movimentos contra a guerra da Etiópia em 1935 e de novos jornais, para vencer a propaganda dos fascios.

A brutal repressão contra a esquerda pelo governo brasileiro pós 1935 será um sério problema para o antifascismo italiano, que viu cortados os fortes e fundamentais laços que eles haviam conseguido construir com organismos antifascistas, sindicatos e mesmo partidos políticos brasileiros (com ênfase no Partido Socialista Brasileiro) entre 1932 e 1937 e amargou a expulsão ou prisão de boa parte de sua liderança como Frola, Ristori, Esposito, Rosini e outros. Todos esses fatores (que discutiremos mais a fundo em seguir), ajudam a levar o antifascismo italiano de São Paulo a um estado de quase que total apatia no final dos anos 30<sup>13</sup>.

Essa situação de fracasso do antifascismo merece, claro, uma boa explicação. Em princípio, o antifascismo perdeu porque o fascismo ganhou e, para entendermos como isso se deu, teríamos que abordar e discutir as complexas razões que parecem ter conduzido os ítalo-brasileiros a uma adesão concreta ao fascismo (no caso das elites e classes médias de origem italiana) ou, o que foi mais comum, a um sentimento difuso e generalizado de apoio e simpatia à Itália, à Mussolini e ao fascismo, o que é um pouco difícil.

Tratar dessa questão como ela merece demandaria, de fato, uma discussão de diversas questões - como a posição em relação ao fascismo de setores das clas-

<sup>10</sup> Vide informações bibliográficas sobre a *Concentrazione* em BERTONHA (1994, p. 20-27).

<sup>11</sup> Sobre Mariani e Cilla, vide BERTONHA (1994, p. 96-99), o processo de expulsão de Mario Mariani (Arquivo Nacional AN - IJJ 7, 1930) e as fichas de Mariani e Cilla no Arquivo do Estado de São Paulo/Delegacia de Ordem Política e Social (AESP/DOPS), Prontuários 516 e 70701.

<sup>12</sup> Foram, de fato, os socialistas o grupo antifascista italiano mais importante em atuação no Brasil entre as duas guerras mundiais. Essa constatação, que não implica em descon-

siderar as colaborações dos anarquistas, comunistas, republicanos e outros, vale tanto para os anos 20 como para os 30. Para o período 1923-1934, vide BERTONHA (1994).

<sup>13</sup> No fim dos anos 30 e início dos 40, de fato, a própria Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo registrava o colapso do antifascismo italiano e sua redução a poucas reuniões - inofensivas, segundo o próprio DOPS - nos salões da *Lega Lombarda*.

Ver AESP/DOPS, Prontuários 999 (“Bixio Picciotti”), 10569 (“Lega Lombarda”), 78310 (“Nicola Alessi”) e 2433 (“Francesco Merola”).

ses dirigentes brasileiras do período e o seu porquê - que teriam de ser levadas em conta assim como certas sutilezas do processo (a diferença geracional, o problema da inserção social dos grupos de imigrantes, as variações entre os anos 20 e 30) precisariam ser abordadas para dar um tratamento adequado ao tema.

A possibilidade de realizar isso num artigo de ambições limitadas é bem remota. Na realidade, porém, entendemos que a relação vitória/derrota entre fascismo e antifascismo é mais complexa do que pode parecer à primeira vista.

De fato, o antifascismo perdeu a batalha em grande parte porque foi derrotado pela propaganda fascista em disputas absolutamente vitais e que vamos abordar (como a atração do apoio do governo e da opinião pública brasileiras e a identificação da italianidade com fascismo ou antifascismo) e também, claro, pelo fato do fascismo ter consolidado seu poder na própria Itália. Por outro lado, porém, o fascismo também ganhou justamente por não encontrar um antifascismo forte e sedimentado na colônia italiana do Brasil. Discutir não só essas batalhas chave do fascismo com o antifascismo como também os problemas particulares que enfraqueceram o antifascismo e o impediram de lutar eficientemente contra o fascismo será o eixo central de nossa discussão, necessária para se entender as dificuldades do antifascismo italiano em se afirmar no Brasil.

### **Problemas da ação antifascista no Brasil nos anos 20 e 30<sup>14</sup>**

O primeiro aspecto que poderíamos elencar como fator de enfraquecimento do antifascismo foram as

<sup>14</sup> Convém lembrar uma outra vez que a luta fascismo X antifascismo não é homogênea e sem variações entre os anos 20 e 30. Ainda assim, existem algumas características mais gerais, que será a abordada nesse item.

dissenções internas. De fato, não só grupos anarquistas, por exemplo, viviam em contínua disputa com os socialistas e republicanos da “Concentrazione”<sup>15</sup> como mesmo entre os socialistas (o grupo antifascista mais importante) o conflito, por questões pessoais e ideológicas, era intenso, como a disputa entre Frola e Piccarolo demonstra exemplarmente (BERTONHA, 1995).

Ainda assim, nos parece que a importância dessas divisões internas é superavaliada. As disputas entre os grupos antifascistas e as internas aos socialistas foram realmente fortes e prejudiciais, sem dúvida, ao esforço antifascista, mas não parecem ter sido suficientes para paralisar - por si só - a ação antifascista, que, mesmo com os grupos separados, continuou se desenvolvendo.

De fato, um exame da ação dos diversos grupos antifascistas revela que, mesmo nos momentos em que as disputas estavam mais violentas, a atividade antifascista - publicação de livros e jornais, palestras, cerimônias - continuava ativa. Uma maior união teria sem dúvida, canalizado mais energia para o antifascismo, mas a sua falta não é suficiente para explicar sua fraqueza. Eram, de fato, fatores externos às organizações antifascistas que determinavam problemas ao antifascismo e não o simples fato de eles estarem divididos ou não. Temos, portanto, que ver o processo de forma global e não apenas internamente, de maneira que possamos ter uma visão mais clara do objeto que estamos estudando.

Um outro fator que a historiografia internacional a respeito do tema (FANESI, 1989 e 1994; CRESCIANI, 1979 e 1988; LIBERATI, 1984 e outros) indica como explicação para a fraqueza do antifascismo italiano em diferentes contextos - a não existência de uma liderança de refugiados políticos italianos (os “fuo-

<sup>15</sup> Vide, por exemplo, os artigos “Panorama dell’antifascismo” e “Esposito e i diritti dell’uomo”. *Quaderni della Libertà*, número 4, 25/1/1933

rusciti”) apta a reestruturá-lo e ativá-lo - não se sustenta no caso brasileiro: ao lado de lideranças já a mais tempo no país (como Antonio Piccarolo, Oreste Ristori e outros) os “fuorusciti” (como Frola, Rosini e Mariani) foram presença constante na luta antifascista italiana no Brasil e sua falta não merece ser elencada como fator de debilidade do antifascismo.

Uma outra questão mencionada internacionalmente como importante para explicar a força (FANESI, 1989 e 1994) ou a fraqueza (CRESCIANI, 1979 e 1988) do antifascismo italiano em diversos lugares é a sua relação com as forças políticas locais. Se ela ocorre, podemos ver o antifascismo italiano com mais força. Se não, o antifascismo enfraquece.

Esse aspecto da luta antifascista merece, ao que tudo indica, ser estudado com mais cuidado: boa parte do fracasso antifascista parece ter se dado, realmente, pela ausência de laços fortes e seguros dos antifascistas com as organizações de esquerda locais, o que não indica, porém, que os próprios antifascistas fossem os culpados dessa situação.

CRESCIANI (1979), por exemplo, apresenta a ausência de contato dos antifascistas italianos da Austrália com as forças políticas locais como algo quase deliberado de um grupo relativamente isolado da sociedade australiana. No Brasil, a situação é um pouco mais complexa. Nos anos 20, o grupo chave do antifascismo - os socialistas -, sob domínio de Antonio Piccarolo e de suas idéias reformistas e anticomunistas (BERTONHA, 1995) hesita e muito em se aliar a quaisquer grupos políticos que não compartilhassem suas idéias, o que o leva a restringir seus laços políticos com os socialistas reformistas brasileiros (BERTONHA, 1994b, p. 140-144). Não apenas, porém, esses socialistas reformistas eram fracos demais para dar um apoio consistente aos seus colegas italianos (BERTONHA, 1994b, p. 143-144) como tudo indica que, mesmo se o antifascismo tivesse aberto suas portas para alianças com outras forças políticas locais, não teria grande sucesso, pois a questão do com-

bate ao fascismo ainda era considerada, nos anos 20, algo a ser resolvido entre italianos e que não interessava aos brasileiros.

Nos anos 30, a maior abertura de líderes como Frola a outras forças da esquerda nacional e a própria percepção desta esquerda da necessidade de combater o fascismo (BERTONHA, 1995a) amplia os laços entre os antifascistas brasileiros e italianos e dá, efetivamente, nova força ao antifascismo italiano que, se talvez não estivesse conseguindo se impor na coletividade italiana, passou a contar com uma rede de solidariedade brasileira que foi fundamental para a sua preservação. A repressão de Vargas em meados dos anos 30 eliminou essa rede e isso, sem dúvida, colaborou para o colapso do antifascismo no final da década de 30.

Esse colapso não pode, porém, ser creditado às ações dos antifascistas italianos. Se, no caso do grupo de Piccarolo, há uma resistência contínua a alianças com quem não compartilhasse seu pensamento, os outros grupos agiram com vigor real na busca de apoios que os fortalecessem e tiveram sucesso nessa tarefa até a repressão eliminar a todos. Nem conflito interno, nem falta de liderança, nem política deliberada de evitar contatos com os nacionais: é no contexto de funda repressão à esquerda em que vicejava a vida política e social brasileira nos anos 20 e 30 que devemos procurar as causas do fracasso do antifascismo em conseguir alianças mais sólidas e que lhe desse maior força.

Um outro aspecto do contexto do período a considerar quando tentamos entender as causas do fracasso antifascista e do sucesso fascista é a aparentemente ampla e declarada simpatia à Roma dentro da opinião pública e do governo brasileiros no período. Essa é uma simpatia em grande parte dirigida à Itália e ao povo italiano, tradicionais amigos e aliados do Brasil (CERVO, 1990 e 1992), mas não só o fascismo conseguiu, como veremos, se apropriar dessa simpatia associando a imagem da Itália a sua como alguma simpatia é dirigida especificadamente à Mussolini e ao

fascismo, visto como o iniciador de uma era de estabilidade e progresso para a Itália e como o criador de um remédio apto a resolver os problemas sociais do capitalismo sem cair no comunismo.

Claro que um estudo mais pormenorizado dessa aparente simpatia deve ser feito para absorver as especificidades de período, classe, região, etc<sup>16</sup>. Há indícios, contudo, que ela foi real. De fato, se quiséssemos elencar exemplos de figuras governamentais, da imprensa, do clero e outras que manifestaram seu apreço pelo fascismo no Brasil dos anos 20 e 30, poderíamos ocupar várias páginas desse texto, mas não é o caso. Basta notar que, apesar dos enormes esforços dos antifascistas italianos - de todos os grupos - para demonstrar (BERTONHA, 1992 e 1994, p. 145-184) a falsidade da amizade fascista pelo Brasil, a falácia de suas conquistas sociais, a repressão e a miséria dos italianos, etc, eles parecem não ter tido sucesso, o que é explicável pela desconfiança geral da esquerda e pela enorme disparidade de recursos para a propaganda, em termos de dinheiro e material (SEITENFUS, 1990, p. 39-40) entre fascistas e antifascistas italianos em ação no Brasil.

É demonstrável, assim, a força que o apoio ou a neutralidade do governo brasileiro deu ao fascismo<sup>17</sup>. E isso não apenas no campo institucional (prestigiando suas atividades, prendendo e dificultando a vida dos antifascistas, etc), mas também num sentido mais amplo: além dos brasileiros, muitos ítalo-brasileiros parecem ter se sentido tranquilos para apoiar o fascismo sem se preocupar com a sua segunda metade

do hífen. Os antifascistas tinham plena consciência dessa situação e usaram de todos os mecanismos (BERTONHA, 1994, p. 141-169) para revertê-la. Seu fracasso revela as dificuldades em ser antifascista no Brasil do período (BERTONHA, 1994b, p. 133-136) e indica a importância do contexto, mais que as decisões dos antifascistas, para explicar as dificuldades destes no Brasil do período.

Esse contexto de apoio à nação italiana e à ideologia fascista em partes expressivas da sociedade brasileira parece ter se reproduzido no interior do grande campo de batalha entre fascistas e antifascistas, a colônia italiana. Entre a elite e as classes médias de origem italiana de São Paulo, de fato, a propaganda fascista, que ressaltava tanto o valor ideológico do fascismo como as glórias da nacionalidade italiana, parece ter encontrado um campo fértil: por sua inserção social e pelo contexto político brasileiro do período, a elite e as classes médias de origem italiana de São Paulo tendiam a aceitar a ideologia fascista enquanto os italianos natos pertencentes a esses grupos eram permeáveis a propaganda nacionalista do fascismo. A junção dessas duas fontes de atração - a nacionalista e a ideológica - confluíram numa forte adesão ao fascismo entre as elites<sup>18</sup> e as classes médias de origem italiana em São Paulo. As desesperadas tentativas dos antifascistas de reverter esse quadro atraindo essa elite (BERTONHA, 1994b, p. 123-136) foram inúteis, o que representou um sério golpe para estes.

Restava aos antifascistas buscar os sindicatos e o operariado de origem italiana que, além de numerosíssimo (HALL, 1979; MARAM, 1979), pareciam ser a única resposta para a sua angustiante necessidade

<sup>16</sup> Como o feito por LIBERATI (1982) com relação ao Canadá.

<sup>17</sup> Essa simpatia pelo fascismo dentro do governo e da opinião pública de certos países de imigração italiana não se restringiu, note-se, ao Brasil. Luigi Bruti Liberati (LIBERATI, 1982 e 1984) nos mostra, por exemplo, que esse também foi o caso do Canadá.

<sup>18</sup> Adesão esta, dada a força e a importância dos *graidos* (Matarazzo, Crespi, Gamba) dentro da colônia italiana, de suma importância para os desígnios do fascismo. Ver MARTINS (1976 e 1992).

de base popular. Como já ressaltado (BERTONHA, 1994a e b e 1995a), o apoio dos sindicatos ao antifascismo cresce nos anos 30 mas em nenhum momento, porém, parece haver uma adesão maciça e concentrada do proletariado de origem italiana ao antifascismo.

Essa situação se deveu, a princípio, a uma certa difusão e sucesso do fascismo entre os operários (TRENTO, 1989 e GUERRINI, 1994), mas também ao contexto das lutas sociais e políticas brasileiras do período, onde o grupo base dos antifascistas italianos, os socialistas e seus aliados minoritários republicanos e membros da LIDU, tinha enorme dificuldade - agravada pela necessidade de moderação e neutralidade frente às lutas operárias para fugir da repressão (BERTONHA, 1994, p. 141-170) - para fazer passar sua mensagem socialista e, no caso de Piccarolo (BERTONHA, 1995a), fortemente reformista a um operariado sem uma tradição de esquerda tão forte quanto gostaríamos de acreditar (TRENTO, 1995) e, especialmente, sem uma tradição histórica de adesão ao tipo de socialismo proclamado por aqueles homens.

Dessa forma, enquanto as tradições políticas e culturais e o contexto social atraíam as classes médias e as elites de origem italiana para o fascismo, essas mesmas tradições e esse mesmo contexto afastavam os operários do antifascismo, negando a ele uma base popular maior, a qual se restringiu à Maçonaria durante boa parte de sua luta (BERTONHA, 1994b, p. 137-140)

Mais importante que esses apoios mais firmes ao fascismo ou ao antifascismo, porém, é a questão de um sentimento geral e difuso de apoio à Mussolini e ao fascismo que parece ter existido entre as grandes multidões de italianos e descendentes que viviam em São Paulo. Esse sentimento, que não indica automaticamente uma posição ideológica, é tradicionalmente explicado pela historiografia dos países anglo saxões (CANNISTRARO, 1976, 1979 e 1979a; HARVEY, 1985 e outros) como uma resposta de orgulho étnico ou de um “nacionalismo defensivo” pela qual os italianos do exterior articulavam a sua

própria identidade e inserção social com o uso do enorme prestígio internacional desfrutado pela Itália e pelo fascismo no período entre-guerras.

Falta ainda precisar os limites temporais desse renovado prestígio italiano e fascista (que não parece ser o mesmo nos anos 20 e 30) e especificar as óbvias diferenças desse “nacionalismo defensivo” nos países latinos e anglo saxões. Também seria importante definir se esse “novo prestígio” italiano no entre-guerras se deveu apenas aos sucessos italianos na arena diplomática ou também ao interesse mundial pela fórmula fascista.

Ainda assim, o “nacionalismo defensivo” parece ter existido e ter sido real no caso brasileiro. Há autores (CANNISTRARO, 1979, p. 127), porém, que afirmam que a base da propaganda fascista para o exterior era destinada a criar um “clima nacionalista” entre italianos e descendentes e que um dos grandes erros dos antifascistas foi ter respondido a essa propaganda nacionalista com argumentos ideológicos.

Não conhecemos a fundo o caso americano mas, no brasileiro, é possível perceber que a propaganda fascista dirigida aos itálos locais não esqueceu, ainda que enfatize o aspecto nacionalista, a ideologia, como muitos exemplos podem demonstrar<sup>19</sup>.

Também os antifascistas italianos do Brasil perceberam essa dupla face da propaganda fascista no Brasil e reagiram (BERTONHA, 1994, p. 170-184) à altura, procurando demonstrar aos italianos locais as falhas e deficiências da ideologia fascista e desenvolvendo todo um trabalho para que esses italianos não se rendessem ao orgulho nacionalista e apoiassem o fascismo por isso.

A base desse esforço antifascista consistia em convencer os italianos que as equações básicas divul-

<sup>19</sup> Ver, para exemplo dessa dupla face da propaganda fascista, os discursos do cônsul Serafino Mazzolini em São Paulo em 1928. Ver MAZZOLINI (1929).



gadas pela propaganda fascista - “Fascismo = Itália” e “Antifascistas = traidores” - eram errôneas e que, pelo contrário, para ser italiano era necessário ser antifascista. O esforço antifascista nesse sentido foi intenso (BERTONHA, 1994, p. 170-184) e nos sinais de fracasso que detectamos nesse aspecto da ação antifascista (e que podemos explicar pelo real desejo de imigrantes e descendentes de reafirmar seu orgulho étnico através do uso do novo prestígio da Itália e do fascismo), está uma das chaves para explicar a vitória fascista.

Registre-se, a propósito, a opinião de Frola a respeito. Ele vai se referir amargamente a este italiano satisfeito com o resgate do orgulho nacional italiano como o *fascista de boa fé*:

Em geral é um bom homem que a trinta anos não vê a Itália e a recorda como quando a deixou, pobre terra sem recursos, que caminhava lentamente no sulco do progresso.

Este Duce, que de um golpe se apoderou do timão do Estado (...) atinge profundamente a fantasia do bom homem, que pensa na sua terra distante com um senso infinito de nostalgia.

Ah, agora a Itália não é mais a pequena península, colocada entre os mares, da qual se precisa emigrar em busca de pão. É hoje uma grande senhora, que tem riqueza para seus filhos, e quando o seu líder levanta a voz, todas as potências do mundo se inclinam.

Este é o estado de ânimo que vive no fascista de boa fé. Ele é levado pelas mentiras dos gazeteiros a identificar o fascismo com a Pátria e a acreditar que o fascismo seja o motor, a razão das condições de bem-estar em que, segundo a propaganda fascista, estaria a nova Itália.<sup>20</sup>

Temos, assim, um quadro geral com algumas reflexões sobre a razão da derrota do antifascismo italiano no Brasil nos anos 20 e 30. A palavra “contexto” se repetiu, como o leitor atento deve ter percebido, muitas vezes para explicar tal situação e o desaparecimento do antifascismo italiano organizado no Brasil

<sup>20</sup> Frola, Francesco. “Il fascista in buona fede”. *La Difesa*, IV/129, 9/1/1927

no fim dos anos 30. Em 1942, porém, o contexto parece - com a entrada do Brasil na guerra - ter se modificado. Como será a ação do antifascismo nessa nova situação?

## O antifascismo em 1942

Nesse início dos anos 40, o mundo dos antifascistas italianos de São Paulo está bem menor. Os poucos anarquistas e os socialistas que gravitavam em redor de Frola estão presos, mortos ou exilados. Os comunistas, que rejuvenesceram, em uma aliança com o PSI, o antifascismo italiano em vários países do mundo após o fim da *Concentrazione* em 1934, nunca haviam sido numerosos no país e os poucos existentes também haviam caído nas malhas da repressão, o que ajuda a explicar o porque dessa renovação do antifascismo italiano não ter se dado também no Brasil. Os únicos que haviam sobrevivido eram os mais moderados e que haviam abandonado quase toda a militância antifascista e que só não haviam caído nas garras policiais justamente pela sua moderação e abstinência.

O novo mundo que parecia se abrir em 1942 estimulou esses homens a retomarem a luta. Voltam a cena homens como Antonio Piccarolo, Trento Tagliaferri, Bixio Picciotti, Rodolfo Faccio e outros<sup>21</sup>.

O curioso, porém, é encontrar, entre esses antifascistas moderados, homens que tinham tido contato com eles anteriormente mas que também haviam sido

<sup>21</sup> Vide “Os italianos livres do Brasil reafirmam o propósito de dar as suas energias e seu sangue pela vitória de nossas armas”. *Diário de São Paulo*, 4/9/1943. para mais nomes. Nota: os artigos da grande imprensa citados aqui são, em sua maioria, oriundos da coleção de recortes organizada por Antonio Piccarolo e disponível no “Arquivo Antonio Piccarolo” (Instituto Italiano de Cultura/SP)

seus rivais dentro do movimento antifascista e críticos de sua moderação e passividade. É o caso de homens como Fernando Santoro, Carlo Tamagni e, especialmente, o de Pasquale Petraccone que, de crítico à seção brasileira da “Concentrazione”<sup>22</sup> e suposto convertido ao trotskismo nos anos 30<sup>23</sup>, começa a aparecer, no pós 1942, na liderança dos “*Italianos Livres*” ao lado de Piccarolo, Picciotti e outros moderados. Poderíamos supor que as crises e problemas que os antifascistas haviam enfrentado nos seus muitos anos de luta os teriam conduzido finalmente a uma convergência maior de opiniões. No caso de Petraccone, não há elementos suficientes para uma análise. Em outros líderes, atuantes ou não no Brasil em 1942, porém, a coerência política com o período anterior é absoluta: Piccarolo continua a defender o socialismo moderado<sup>24</sup>; Frola, agora no México, mantém-se firme na defesa das frentes únicas contra o fascismo e avesso ao anticomunismo<sup>25</sup>, o qual Mariani continua a proclamar<sup>26</sup>, etc. As razões das divisões internas que haviam marcado o antifascismo nos anos 20 e 30 (BERTONHA, 1995) estavam, assim, ainda presentes. O que poderia ter levado homens como Petraccone,

então, a se aglutinarem, em 1942, em torno do movimento dos *Italianos Livres*?

Talvez uma resposta possa ser buscada não só na história do antifascismo italiano no Brasil mas na própria evolução do movimento no mundo no período do fim dos anos 30 e início dos 40.

Após as experiências da *Concentrazione d’Azione Antifascista* e de *Giustizia e Libertà*<sup>27</sup>, o antifascismo não comunista teve sérios problemas para se rearticular e voltar à luta contra o fascismo a qual, no período 1934-1939, esteve centrada na aliança entre os Partido Comunista e Socialista da Itália (RAPONE, 1980). O início da guerra rompe esse pacto e enfraquece ainda mais o antifascismo. A nova conjuntura anima, porém, vários antifascistas moderados residentes então nos Estados Unidos a criar novas associações antifascistas não comunistas, como a *Mazzini Society*, criada em 1939 (TIRABASSI, 1976; KILLINGER, 1981 e CANNISTRARO, 1985). É com a chegada de Carlo Sforza e outros antifascistas, em fuga da França ocupada pelos nazistas, porém, que o novo antifascismo começa realmente a tomar forma, pretendendo (CANNISTRARO, 1985; MILLER, 1976; DELZELL,

<sup>22</sup> Ver os artigos criticando Piccarolo, Cilla e Mariani em seu jornal *Italia Libera* de 1931.

<sup>23</sup> Ver o processo contra Mário Pedrosa e outros (Arquivo Nacional/Tribunal de Segurança Nacional - Processo 495), onde Pasquale Petraccone, Carlo Tamagni e Luigi Cingolani (velho militante do grupo de Frola) são acusados de trotskismo e de pertencer ao “Socorro Vermelho Internacional”.

<sup>24</sup> Para as idéias de Piccarolo vide BERTONHA (1994c) e HECKER (1989). Para sua continuidade nos anos 40, vide, entre outras possibilidades, os manuscritos de suas palestras presentes no “Arquivo Antonio Piccarolo” (Instituto Italiano de Cultura/SP).

<sup>25</sup> Para as idéias de Frola, vide BERTONHA (1994 e 1995a). Para seu período no México, vide FANESI (1992) e o manifesto da *Alleanza Internazionale “Giuseppe Garibaldi” per la libertà d’Italia* a qual, criada no meio dos anos 40 no

México por Francesco Frola, Mario Montagnana e Vittorio Vidali, proclamava a necessidade da união de todos os antifascistas, sem excluir os comunistas, para reconstruir e reformar a Itália. Uma cópia desse manuscrito está no “Arquivo Antonio Piccarolo” (Instituto Italiano de Cultura/São Paulo)

<sup>26</sup> Para o anticomunismo de Mariani em seu período no Brasil, vide BERTONHA (1994, p. 114-119). FANESI (1989) e LEIVA (1983) mostram como, morando na Argentina nos anos 40, Mariani continua um homem de idéias bastante pessoais sobre o que era socialismo, mas ainda assim persistente em seu anticomunismo. Ver também seu artigos no jornal *Italia Libre*, de Buenos Aires, no início dos anos 40.

<sup>27</sup> A bibliografia italiana disponível sobre esses dois grupos é numerosíssima. Vide indicações em BERTONHA (1994).

1952) apoiar os Aliados na guerra e defender o retorno da democracia na Itália.

*Mazzini Society* vai se caracterizar por rígido anti-comunismo e terá pouco sucesso, por diversos fatores, na tarefa de conseguir influenciar a política de Washington para a Itália (CANNISTRARO, 1985; MILLER, 1976 e KILLINGER 1981). Era, porém, o mais forte movimento antifascista italiano remanescente, especialmente por manter uma relação simbiótica com sua equivalente latino americana, as associações antifascistas *Italia Libera*. Existiam ainda, contudo, outras possibilidades de aliança se os antifascistas italianos do Brasil realmente quisessem manter-se em sintonia com o antifascismo internacional: os comunistas no pós 1941, a *Alleanza Garibaldi* de Frola e Montagnana no México<sup>28</sup>, etc.

Em outros países, como na Argentina (FANESI, 1994; LEIVA, 1983), de fato, as seções da *Mazzini Society* e do movimento *Italia Libera* se desenvolveram mas entraram em sério conflito com os comunistas e com adeptos da *Alleanza Garibaldi* locais. Não há indícios seguros do mesmo ter ocorrido no

Brasil. Tudo indica que o fato dos republicanos e dos socialistas moderados terem sido os únicos a sobreviverem às adversidades sofridas pelo antifascismo no Brasil nos anos 30 deu ao novo antifascismo do pós 1942 um caráter rigidamente moderado e que, coerentemente, só podia se relacionar com *Italia Libera* e *Mazzini Society*. Os poucos sobreviventes de outros grupos - como Petraccone ou Aldo Messina<sup>29</sup> - tiveram, se realmente quisessem ser novamente antifascistas com algum peso, se adaptar à nova situação e ao domínio dos republicanos (como Picciotti) e especialmente dos socialistas moderados liderados por Piccarolo.

Com isso, a caminhada da *Mazzini Society* e do grupo *Italia Libera* no Brasil se desenvolve rapidamente: Piccarolo e Petraccone lideram, já em 1941, o esforço para difundir *Mazzini Society* no Brasil<sup>30</sup>, cria-se uma seção de *Italia Libera* já em maio de 1942<sup>31</sup> e esta logo se transforma em várias<sup>32</sup>; mantém-se contato com a sede de Nova York<sup>33</sup>, inclusive acontecendo uma visita do líder Carlo Sforza em

<sup>28</sup> Fugindo do clima asfíxiante do Estado Novo, Francesco Frola irá para o México em 1938 e, aliando-se com os comunistas Vidali e Montagnana, fundará a *Alleanza Antifascista Giuseppe Garibaldi*, de base unitária e totalmente de acordo com suas idéias anteriores no Brasil. Ver FANESI, 1992.

<sup>29</sup> Ver AESP/DOPS, Prontuário 30244 (“Aldo Messina”), onde se registra que ele é comunista, ativista operário e membro dos *Italianos Livres* em 1942.

<sup>30</sup> Ver material apreendido da *Mazzini Society*, notícias sobre circulação de boletins já em novembro/1941 e tentativas, aparentemente infrutíferas, de legalização de um jornal no DIP em *Arquivo do Estado do Rio de Janeiro/Delegacia de Ordem Política e Social* (AERJ/DOPS), Série temática “Italianos”, pasta 3, Dossiê *Mazzini Society*.

<sup>31</sup> Vide AERJ/DOPS, Série temática “Italianos”, pasta 3, Dossiê “*Italianos Livres*”. Segundo o DOPS, porém, mani-

festos dos *Italianos Livres* e boletins do movimento circulam desde o início de 1942.

<sup>32</sup> O *Diário da Noite* (16/5/1942) publica uma entrevista com um *italiano livre*, o qual comunica já haver seções no Rio de Janeiro e em São Paulo, Belo Horizonte e Santos. Sobre as sedes de Jaú (SP) e Juiz de Fora (MG), vide, respectivamente, recorte constante no AESP/DOPS Prontuário 47364 (“Cesar Tripoli”) e “De Juiz de Fora - como surge uma associação” (*A Voz da Itália*, 15/2/1947). Seções em várias outras cidades também parecem ter existido.

<sup>33</sup> Vide *Diário de Notícias* (6/5/1942). Os membros brasileiros de *Italia Libera* - representados por Trento Tagliaferri - participaram, inclusive, da Conferência Panamericana *Italia Libera* em Montevidéu em agosto de 1942. Vide TRENTO (1989, p. 401) e AN IJJ6 N2229, Processo de Naturalização “Trento Tagliaferri”.

1942<sup>34</sup>, etc. Com sua nova orientação, o antifascismo italiano do Brasil renasce, pois, das cinzas.

Os objetivos do novo antifascismo não diferem muito, em essência, dos objetivos manifestados pelos antifascistas anteriormente mas, sem dúvida, se adaptam a nova realidade: retirar a influência fascista da colônia italiana<sup>35</sup>, representar e defender os interesses italianos no Brasil<sup>36</sup>, promover a causa aliada e tentar influenciar a formação da Itália pós fascismo<sup>37</sup>, etc.

Nessa luta, os antifascistas voltarão a solicitar, como veremos logo, o apoio brasileiro e o da coletividade italiana. Boletins noticiosos<sup>38</sup>, cerimônias públicas, banquetes (...), os antifascistas retomam com vontade, apesar das restrições oficiais, a divulgação do antifascismo. Uma atividade em particular merece, porém, destaque por sua originalidade: a doação de um avião, chamado "Itália Livre", para a luta brasileira contra o Eixo<sup>39</sup>. É um ato que representa exemplarmente - ao se opor simbolicamente aos

"raids" aéreos italianos em direção ao Brasil nos anos 20 e 30<sup>40</sup> e que muitas vezes terminavam com a compra ou doação dos aviões utilizados ao Brasil para simbolizar a amizade italiana - esse esforço antifascista de retirar o bastão de representante dos italianos das mãos dos fascistas.

Os fascistas, obviamente, não ficaram sem responder, enquanto puderam, a essa nova atividade antifascista. Eles procurarão não ferir a neutralidade brasileira no pré 1942 (TRENTO, 1989, p. 394-395) mas agirão na defesa dos interesses da Itália e de sua propaganda no Brasil distribuindo boletins de guerra<sup>41</sup> e distintivos do Eixo<sup>42</sup>; conclamando ao boicote dos produtos aliados e especialmente os produzidos pelos ingleses<sup>43</sup>, promovendo cerimônias, filmes e subscrições<sup>44</sup>, etc. Eles também agirão agressivamente contra a tentativa de renovação da atividade antifascista. De fato, não só italianos livres do Brasil como César Tripoli receberam cartas e telefonemas amea-

<sup>34</sup> Ver *Diário Carioca*, 16/8/1942

<sup>35</sup> Ver requerimento do movimento ao DOPS/SP em 6/4/1942 pedindo autorização para agir mais firmemente contra a fascistização da colônia italiana no prontuário AESP/DOPS 13476 ("Italianos Livres do Brasil") e a notícia, já citada, do *Diário de Notícias*, 16/1/1942.

<sup>36</sup> Ver recordação de Piccarolo a respeito em Piccarolo, Antonio. "A liberação dos bens dos italianos". *Correio Paulistano*, 12/4/1945.

<sup>37</sup> Ver, por exemplo, diversos artigos de Antonio Piccarolo em vários jornais paulistanos entre 1942 e 1945 defendendo os interesses nacionais italianos e opinando sobre como deve ser a nova Itália. Ver as pastas com recortes desses anos no "Arquivo Antonio Piccarolo" (Instituto Italiano de Cultura/SP).

<sup>38</sup> Há exemplares desses "Boletins dos Italianos Livres" no Arquivo Antonio Piccarolo e no AESP/DOPS, Prontuário 999 ("Bixio Picciotti"), entre outros.

<sup>39</sup> Ver "Os Italianos Livres do Brasil reafirmam o propósito de dar as suas energias e o seu sangue pela vitória de nossas armas". *Diário de São Paulo*, 4/9/1943.

<sup>40</sup> Sobre esses "raids" aéreos e como eles entusiasmavam tanto brasileiros quanto italianos, vide as edições de "A Platea" de fevereiro e março de 1927 ("raid" De Pinedo), julho e agosto de 1928 ("raid" Del Prete) e janeiro 1931 ("raid" Ítalo Balbo). Sobre a presença no Brasil de uma esquadrilha comandada por Bruno Mussolini em fevereiro/1938 e a doação (que também aconteceu nos "raids" anteriores) que ele faz de um avião para valorizar a amizade Brasil/Itália, vide Arquivo Edgar Leuenroth/Arquivo Diplomático Americano (AEL/ADA), rolo 16/380, código 832.248, fotograma 163.

<sup>41</sup> Ver relatórios do AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Propaganda Fascista".

<sup>42</sup> Ver relatório do AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 3, Dossiê "Roma, Berlim e Tóquio".

<sup>43</sup> Ver folheto de 9/8/1941 nesse sentido no AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Propaganda Fascista" e boletins mimeografados em AESP/DOPS, Prontuário 10405 ("Osvaldo Scognamiglio").

<sup>44</sup> Ver AERJ/DOPS, Série Temática "Italianos", Pasta 2, Dossiê "Casa d'Italia".

çadores<sup>45</sup> como há registros de fascistas indignados com a volta do antifascismo e desejosos de agir com violência:

“(...) há também a questão daqueles infames que se denominam “Italianos Livres”, todos renegados porque se naturalizaram e dirigidos pelo senil e naturalizado Piccarolo, que não sairá de nossas vistas”<sup>46</sup>

Os antifascistas estavam confiantes, porém, de que a situação havia mudado e que a luta agora seria diferente. Estariam os antifascistas certos em tanto otimismo?

### Os antifascistas e o novo contexto

A primeira nova vantagem com que o antifascismo esperava contar era o firme apoio do governo brasileiro, agora no campo aliado e que havia despejado, apesar dos protestos fascistas, várias leis

<sup>45</sup> Ver cópias dos bilhetes em AESP/DOPS, Prontuário 47364 (“César Tripoli”).

<sup>46</sup> Carta apreendida e conservada no AESP/DOPS, Prontuário 76444 (“Fernando Martini”).

<sup>47</sup> Vide AESP/DOPS, Prontuários 45774 (“Emílio Biasito”), 21975 (“Angelo Franchini”) e 7355 (“João Carone”), onde estão punições aos fascistas por atos e declarações pró-Eixo. Há também numerosos processos a respeito de sabotagem e espionagem italiana no Arquivo Nacional/Tribunal de Segurança Nacional, processos diversos. Sobre as leis antiestrangeiros, ver também CORSETTI (1986).

<sup>48</sup> Eles só terão, finalmente, esse apoio no pós II Guerra Mundial, quando ocorre a eliminação dos fascistas do serviço diplomático italiano. Vide “O Embaixador Mario Augusto Martini recebe as delegações italianas” (recorte não identificado encontrado no Arquivo Antonio Piccarolo, provavelmente de 1945 ou 46) e “Há muito um diplomata italiano não chamava de irmãos aos seus compatriotas do Brasil”(idem), para os amistosos contatos dos antifascistas italianos com os representantes da nova Itália pós fascismo.

<sup>49</sup> Como se percebe pela presença de uma ou outra

contra as atividades fascistas no Brasil<sup>47</sup>. De fato, já que não podiam contar com o apoio do governo italiano pós fascismo que logo assumiria o poder em Roma<sup>48</sup>, o grande alvo devia ser o governo brasileiro que, finalmente, deveria estar do lado correto.

Os antifascistas devem ter se decepcionado muito com a recepção que tiveram. Se, no pós II Guerra Mundial e no pós Estado Novo, eles, os vencedores, puderam contar com alguma simpatia dos governantes brasileiros<sup>49</sup>, a situação não esteve tão boa em 1942: leis antiestrangeiros sendo usadas não só contra os fascistas mas também contra os antifascistas<sup>50</sup>, fascistas notórios sendo ignorados pela polícia e até sendo utilizados pelo governo federal como interventores em organizações italianas<sup>51</sup> etc.

Nada deve ter magoado mais os antifascistas, porém, que a firme recusa - apesar de sua demonstra-

autoridade brasileira nas cerimônias antifascistas de São Paulo no pós II Guerra Mundial. Vide o jornal *La Voce d'Italia* no período e especialmente a notícia intitulada “Le estreme onoranze alla memoria di Antonio Piccarolo” (*La Voce d'Italia*, 25/10/1947) onde, no enterro de Piccarolo, se reúnem várias figuras - representantes do governador do estado, do cônsul da Itália e das associações italianas - que antes eram presença comum nas cerimônias fascistas em São Paulo.

<sup>50</sup> Ver, por exemplo, os casos dos antifascistas Eugenio Facchinetti e Dino Vanucci, presos respectivamente por falar italiano em público e por porte ilegal de arma. Informações recolhidas em AESP/DOPS, Prontuários 27883 (“Eugenio Facchinetti”) e 54303 (“Dino Vanucci”). Ver também as amigas recordações de um antifascista a respeito em “La situazione degli italiani in Brasile in conseguenza della guerra: il periodo belico”. *A Voz da Itália*, 23/11/1946.

<sup>51</sup> De fato, em 1942, o DOPS carioca nomeia para interventor na sociedade “Guilherme Oberdan” ninguém menos que o fascista - segundo o próprio DOPS - Sr. Favale. Vide AERJ/DOPS, Série temática “Italianos”, pasta 6, Dossiê “Sociedade Guilherme Oberdan”.

ção de apoio e solidariedade aos Aliados e ao Brasil - das delegacias de Ordem Política e Social dos Estados em permitir a atividade formal das seções de *Italia Libera* e até ordenando o fechamento das já existentes<sup>52</sup>.

Para explicar esse fato, temos que nos lembrar das ambigüidades e contradições entre a política externa e interna do “Estado Novo” varguista, as quais foram notáveis. De fato, o Brasil aderiu ao Bloco Aliado na II Guerra Mundial basicamente por razões estratégicas e diplomáticas<sup>53</sup> e não porque o contexto interno, de simpatia pelo fascismo, tivesse se alterado substancialmente. A partir de um fato eminentemente geopolítico e não político - a entrada do Brasil na II Guerra Mundial -, os antifascistas fizeram, assim, uma avaliação otimista mas errônea do momento político brasileiro dos anos 40, o que trouxe grande frustração

a eles, que nunca tiveram o tão desejado e fundamental<sup>54</sup> apoio do governo brasileiro para a sua causa e nem conseguiram influenciar como queriam a política brasileira para a Itália<sup>55</sup>.

No caso dos apoios da opinião pública brasileira, a situação é mais complexa. Parece evidente, a luz do material pesquisado, que, se a simpatia de largos setores da sociedade e do governo brasileiro com relação à Itália continua alta até bem pouco antes da guerra<sup>56</sup>, a relativa ao regime fascista parece perder um pouco de sua vitalidade<sup>57</sup> dada a crescente política imperialista de Roma<sup>58</sup>.

Com a guerra, o clima de negação do fascismo cresce um pouco e isso fica claro na larga divulgação das atividades dos *Italianos Livres* na grande imprensa brasileira. Ainda assim, não há sinais de que a atividade antifascista tenha conseguido apoio substan-

<sup>52</sup> Ver os requerimentos e as recusas de 1942 e 1943 em AESP/DOPS, Prontuários 999 (“Bixio Picciotti”), 48302 (“Tulio Escorelli”) e 13476 (“*Italianos Livres* do Brasil”); AERJ/DOPS, Série Temática “Italianos”, pasta 3, Dossiê “*Italianos Livres*” e a curiosa carta de Trento Tagliaferri ao governo brasileiro de 12/9/1942, onde ele reafirma o anticomunismo e a lealdade da *Italia Libera* ao Brasil, pede por autorização para abrir a sede do movimento e como, mesmo assim, a resposta é negativa. Ver AN-IJJ6, N2229, “Processo Naturalização Trento Tagliaferri”.

<sup>53</sup> Sobre o assunto, os melhores disponíveis são SEITENFUS (1985) e GAMBINI (1977). Ver também alguns dos ensaios presentes em COGGIOLA (1995).

<sup>54</sup> No Canadá, de fato, o antifascismo só conseguiu se reconstruir nos anos 40 - e, ainda assim, com resultados duvidosos - devido ao apoio do governo canadense, então em guerra contra o Eixo. Ver LIBERATI (1984, p.438).

<sup>55</sup> Sobre o assunto, vide CERVO (1992). A mesma incapacidade de atingir os governos aliados se repetiu na sede central da *Mazzini Society* nos Estados Unidos. Ver KILLINGER (1981); MILLER (1976) e CANNISTRARO (1985)

<sup>56</sup> Vide Cervo (1992, p. 153) e vários memorandos de

diplomatas americanos ao Departamento de Estado no fim dos anos 30, ressaltando a enorme desconfiança da Alemanha e prestígio da Itália entre o governo e a opinião pública brasileira. Vide Memorando de 4/11/1938 do encarregado de negócios da Embaixada ao Departamento de Estado (AEL/ADA, rolo 8/380, código 832 Rev., fotograma 641) e o relatório de 6/2/1939 da Embaixada ao Departamento de Estado intitulado “Italian Activities in Brazil” (AEL/ADA rolo 4/380, código 832.00 F, fotograma 19, páginas 5 e 79/80).

<sup>57</sup> É nossa impressão, note-se, que a imagem fascista perde um pouco de sua vitalidade no período imediatamente anterior à guerra devido à sua aliança com o nazismo, sua agora clara política imperialista, etc. Nunca se chegou, porém, ao grau de antipatia que o fascismo teve que enfrentar, por exemplo, nos Estados Unidos entre 1940 e 1942 ou no Uruguai no pós-1938. Ver SALVETTI (1982) para o caso americano; MAROCCO (1993) para o exemplo uruguaio e CERVO (1992, p. 153-167) sobre como a opinião pública brasileira se frustrou com algumas atitudes da Itália fascista no fim dos anos 30 mas como continuava favorável a ela.

<sup>58</sup> Vide observações nesse sentido no relatório “Italian Activities in Brazil”, citado na nota 56, pg 62.

cial de organismos políticos e sociais brasileiros para a sua luta naquele momento<sup>59</sup>. Novamente, a resposta do porquê dessa situação parece ser a não existência de um verdadeiro e consolidado sentimento antifascista na opinião pública brasileira mesmo durante a guerra e o clima repressor do “Estado Novo” que, apesar de ir ficando menos rigoroso com o decorrer do tempo, continuava dificultando a ação política e social organizada, o que deixava os antifascistas sem aliados para convocar.

Temos, assim alguns elementos para redefinir a reação do governo e da opinião pública brasileiras no tocante ao novo antifascismo. Mas e no seu principal campo de batalha, a colônia italiana? Teria o novo contexto determinado uma popularidade maior do antifascismo entre os italianos e seus descendentes residentes em São Paulo?

Com relação aqueles grupos em que identificamos anteriormente uma adesão mais concreta pelo fascismo - os italianos natos e, mais especialmente, os italianos natos pertencentes à burguesia e às classes médias - há indícios que, a exemplo de seus colegas americanos (CANNISTRARO, 1985; SALVETTI, 1982), eles se adaptaram sem maiores problemas à nova situação,

ressaltando sua opção pelo campo Aliado, pela democracia e pelo antifascismo. Que isso era, no entanto, apenas uma estratégia de adaptação para a sobrevivência aos ventos da guerra, fica claro quando vemos os conflitos fascistas X antifascistas ressurgirem depois do fim da guerra<sup>60</sup> e na aproximação apenas verbal<sup>61</sup> e esporádica<sup>62</sup> desses grupos ao antifascismo. A guerra não conseguiu, assim, trazer a elite italiana de São Paulo para o antifascismo<sup>63</sup>. Suas idéias e perspectivas continuavam e a guerra os forçou apenas a uma leve adaptação.

Perdida essa batalha, restava ao antifascismo, porém, uma outra ainda mais importante: a da grande massa de italianos do Brasil que não havia aderido entusiasticamente ao fascismo mas que tinha por ele uma simpatia difusa e não obrigatoriamente ideológica. Já fizemos algumas reflexões a respeito dos limites de considerar essa simpatia *apenas* derivada do orgulho nacional mas não parece haver dúvidas que ela era principalmente oriunda dele. Já citamos as amargas palavras de Frola sobre esse tópico. Mariani também se manifestará a respeito<sup>64</sup>. Trento

<sup>59</sup> No pós II Guerra Mundial e pós Estado Novo, com o clima político menos sufocante, os antifascistas voltam a ter um pouco mais de apoio de forças políticas nacionais. Vide “Brasileiros e italianos confraternizam em festa antifascista”. *A Gazeta*, 11/6/1945) e “Grande manifestação de fraternidade ítalo brasileira”. *Correio Paulistano*, 7/6/1945).

<sup>60</sup> Ver TRENTO (1989, p. 452-464) ROGATTO (1990) e CHIARINI (1992) para a permanência do debate sobre o valor do fascismo e do antifascismo entre partes da colônia italiana de São Paulo até os dias de hoje.

<sup>61</sup> Antonio Piccarolo (“Aproximações fascistas”. *Correio Paulistano*, cerca de 1945, AAP/IIC, Pasta de recortes) se referirá amargamente, de fato, aos “novos” antifascistas de tempo de guerra que, de antifascistas, só tem o nome.

<sup>62</sup> Ver, por exemplo, a participação da condessa Mariângela

Matarazzo no “Comitê de Socorro às Vítimas da guerra” (organizado pelos antifascistas) em TRENTO (1989, p.402). Note-se que, coerentemente com o período anterior (BERTONHA, 1994b, p.123-126), os antifascistas aceitavam o apoio dos ricos da colônia, mas que estes não transferiram nem uma parte mínima do apoio que haviam dado ao fascismo para o antifascismo.

<sup>63</sup> Dona Lélia Abramo, em entrevista (São Paulo, 17/12/1992) chegou a dizer que muitos fascistas italianos só conseguiram fugir da Itália para São Paulo depois da guerra graças ao apoio dos ricos italianos locais e que até hoje os netos e bisnetos desses grandes industriais italianos continuam a subsidiar os neofascistas na Itália. Informação difícil de comprovar, mas indicativa do fato que a guerra não converteu verdadeiramente a elite ao antifascismo, mesmo sendo ele moderadíssimo como era o dos *Italianos Livres*.

Tagliaferri, escrevendo já em meados dos anos 40, será outro a ressaltar essa situação:

“As populações italianas emigradas, que nunca tinham sonhado com grandezas, começaram a ouvir falar, vaga e confusamente, a princípio, do nascimento de um novo império romano (...). A palavra “Roma” começou a invadir os cérebros dos trabalhadores italianos que até aquela época tinham se limitado a enviar garantias para a Itália, colaborando com os governos de suas cidades e auxiliando suas famílias. Ficaram imbuídos, através de uma propaganda falsa de que, por virtude de um homem, a pequena Itália, laboriosa e individualista, caminhava a passos largos para a conquista do mundo. Lia-se um orgulho postiço em todos os rostos e o mais humilde dos colonos italianos sentia-se como se fosse parte indispensável de um todo forte que se apoderaria em curto espaço de tempo da metade do hemisfério”<sup>65</sup>.

O início da guerra leva os antifascistas a acreditarem que essa situação já começava a mudar<sup>66</sup> e que deveria mudar mais ainda com o decorrer do tempo. Eles, os antifascistas, deveriam estar prontos para receber de braços abertos esses “fascistas de boa fé”, que nunca haviam sido verdadeiramente fascistas:

“Nesses últimos tempos muitos de nossos patrícios, que sabíamos conquistados pela propaganda fascista, não somente manifestaram a sua repulsa pelo credo mussoliniano, mas chegaram a externar a sua cólera pela infame ditadura que infelicitou a Itália. Estavam eles bem certos de que o fascismo, embora significasse privação de liberdade e acarretasse inúmeros sacrifícios aos italianos, estivesse forjando um futuro

<sup>64</sup> Ver o livro de memórias de Mário Mariani: (MARIANI, 1947, p. 71).

<sup>65</sup> Esse texto foi publicado no artigo “A Máscara e o vulto”: a Itália de ontem e a Itália de hoje”. Tal artigo está, sem maiores referências, no Arquivo Antonio Piccarolo (IIC/SP), mas seguramente é de meados dos anos 40.

<sup>66</sup> Ver o requerimento dos *Italianos Livres* ao DOPS de 6/4/1942, presente no AESP/DOPS, Prontuário 13476 (“Italianos Livres do Brasil”).

imperial da Itália e isso os prendia a uma doutrina de governo que, talvez, no íntimo de suas consciências, não apoiavam internamente”.

e que, por isso, deviam ser culpados e nem punidos:

“Mas os que foram fascistas de boa fé, os que foram levados ao fascismo por um exaltado, por um errado patriotismo, os que foram enganados por uma propaganda de mentiras, nada tem a temer da próxima queda de Mussolini”<sup>67</sup>.

Além desses apelos diretos aos italianos, o anti-fascismo reativou, para tentar atraí-los para si, uma argumentação já a muito utilizada na luta antifascista (BERTONHA, 1992, p. 157-160 e 1994, p. 175-184): a diferença entre a Itália e o fascismo. A luta por definir quem (fascismo ou antifascismo) era o sinônimo de italianidade atravessou, de fato, os anos 20 e 30 e tem reflexos até no pós II Guerra Mundial<sup>68</sup>. Os fascistas parecem ter vencido essa batalha antes da guerra (BERTONHA, 1994, p. 182) mas, após 1942, os antifascistas estavam convencidos que havia chegado o momento da virada:

“Doutro lado, aqui existe uma colônia italiana numerosíssima (...) e todo abraçaram sinceramente os destinos da Pátria que lhes deu vida e bem estar. Toda essa gente (...) exprobra os governos que foram causa do estado presente das coisas; desde o primeiro momento se colocou ao lado do Brasil e do seu iluminado governo e não quer ser confundida com o governo que arrastou a Itália para a guerra (...)”.

<sup>67</sup> Boletim dos *Italianos Livres* (24/5/1943) conclamando os “fascistas de boa fé” a mudarem de lado. AESP/DOPS, Prontuário 999 (“Bixio Picciotti”). e 48302 (“Tulio Escorelli”).

<sup>68</sup> Ver, por exemplo, “Partigiani” (*Diário Latino*, 25/9/1947) e uma curiosa matéria do mesmo jornal de 26/6/1946 onde se diz novamente que os antifascistas são anti-italianos e que eles seriam, na realidade e fazendo um interessante jogo discursivo, “subversivos de boa fé”.



"Em nome, pois, de todos os italianos aqui residentes, espalhados por todo este vasto Brasil (...), vos dirijo a palavra para dizer-vos: a Itália verdadeira, a Itália do povo, a Itália que trabalha e que pensa está convosco, está com o Brasil e com todos os povos aliados em defesa da Liberdade e da Justiça" (PICCAROLO, 1944, p. 39-40).

As informações disponíveis sobre o efeito dessa nova tentativa antifascista de mostrar que o fascismo era o verdadeiro traidor da Itália e que, agora, para ser simpático à Itália era necessário ser antifascista são extremamente raras e contraditórias. Parece haver indícios, entretanto, que, apesar do interesse pela Itália continuar em alta na colônia (SCARANO, 1969, p. 524-526) e do sentimento filofascista não ter desaparecido totalmente (como o retorno das lutas fascistas X antifascistas no pós II Guerra Mundial comprovam), a grande maioria dos ítalo-brasileiros, postos, pela primeira vez, diante da necessidade de escolher entre o Brasil e a Itália (BERTONHA, 1994, p. 150), optaram, a exemplo de seus irmãos americanos (CANNISTRARO, 1976), pelo Brasil, diminuindo assim sua atração pelo fascismo que nunca voltaria, aliás, a ser um definidor de identidade como parece ter sido entre 1922 e 1942.

Não há sinais, porém, que essa diminuição do sentimento pró-fascista tenha implicado em adesão firme da coletividade italiana ao antifascismo no pós 1942. Várias causas poderiam ser elencadas para explicar isso, mas a básica parece ter sido a mais simples: se, nos anos 20 e 30, ser fascista não era automaticamente uma posição ideológica, ser antifascista - dada a dificuldade dos antifascistas para associar Itália com antifascismo - o era. Se lembrarmos as dificuldades do antifascismo para fazer propaganda e sua falta de apoios internos e externos e principalmente que os italianos de São Paulo nunca foram realmente um grupo de pessoas total e convictamente de esquerda (TRENTO, 1994, p. 262), podemos entender a dificuldade do antifascismo em formar sua base popular mesmo quando o momento parecia tão propício. Ra-

zão para a colônia não se tornar firmemente antifascista no período pós 1942.

## Conclusão

A entrada do Brasil na II Guerra Mundial deu novo ânimo a um antifascismo derrotado em inúmeras outras ocasiões e permitiu que eles obtivessem finalmente algumas vitórias contra os fascistas italianos em ação no Brasil. Nunca conseguiram, porém, converter incisiva e decididamente a colônia ao antifascismo e é muito tentador buscar nos erros do antifascismo, em suas divisões e em outros aspectos de sua ideologia e tática a culpa por essa derrota.

Seríamos, porém, injustos com os antifascistas se procedêssemos dessa forma. É fato que, às vezes, suas divisões, sua irritante, na maior parte dos casos, moderação e outros pontos mencionados nesse texto prejudicaram o esforço antifascista mas, na realidade, os antifascistas fizeram o que era possível naquele momento em que eles viveram para combater o fascismo e só não triunfaram porque o contexto político social da coletividade italiana de São Paulo e da própria sociedade brasileira nos anos 20 e 30 não era favorável a sua luta. De fato, antifascistas italianos com origem, divisões e táticas de luta parecidas com as dos antifascistas ítalo-brasileiros e com problemas semelhantes conseguiram, em contextos favoráveis como a França (FEDELE, 1976), a Argentina (NEWTON, 1992; FANESI, 1989 e 1994) ou o Uruguai (MAROCCO, 1993)<sup>69</sup>, combater o fascismo com uma eficiência muito maior do que a conseguida no Brasil.

69 Rudolf Vecoli (VECOLI, 1989, p.89) vai se perguntar, de fato, porque o radicalismo italiano de esquerda fincou raízes na França e na Argentina, mas não, por exemplo, nos Estados Unidos. Questão realmente básica para o nosso estudo, pois tudo indica que a sobrevivência desse radicalismo em alguns locais foi chave para a contenção do fascismo.

Marx disse, certa vez (MARX, 1977, p. 17), que os homens fazem sua própria história, mas que a fazem em condições que não escolheram e onde sua própria agência é limitada, o que parece, no caso dos homens que estamos estudando, mais e mais correto.

Longe de nós fazer a defesa de posições deterministas ou dizer que os antifascistas não tenham percebido, vivido e tentado reelaborar essas condições - como, aliás, a experiência de 1942 mostra exemplarmente - mas o fato é que a luta deles era muito difícil e admitir suas dificuldades não significa denegri-los.

## Fontes utilizadas

### Arquivo Nacional

*Processo Naturalização Trento Tagliaferri* (AN, IJJ6, N2229).

*Processo Expulsão Mario Mariani* (AN, IJJ7, 1930).

*Processo Tribunal Segurança Nacional* (Pasquale Petraccone e outros, 495).

AESP/DOPS

*Prontuários* 516 ("Mario Mariani").

999 ("Bixio Picciotti").

2433 ("Francesco Merola").

7355 ("João Carone").

10405 ("Osvaldo Scognamiglio").

10569 ("Lega Lombarda").

13476 ("Italianos Livres do Brasil").

21975 ("Angelo Franchini").

27883 ("Eugenio Facchinetti").

30244 ("Aldo Messina").

45774 ("Emilio Biasito").

47364 ("Cesar Tripoli").

48302 ("Tulio Escorelli").

54303 ("Dino Vanucci").

70701 ("Nicola Cilla").

76444 ("Fernando Martini").

78310 ("Nicola Alessa").

Muito pelo contrário. As atividades antifascistas italianas no Brasil dos anos 20 e 30 foram fundamentais para estimular a própria atividade antifascista brasileira no período e, nos anos 40, parece razoável acreditar que a passagem mais ou menos indolor da coletividade italiana pelos ventos da guerra parece ter se devido, ao menos em parte, aos esforços antifascistas. Eles podem não ter conseguido implantar o seu projeto, mas muito sangue pode ter sido poupado pelo simples fato deles terem existido. Um ponto a favor dos antifascistas e um estímulo para que a sua memória não seja esquecida.

### AERJ/DOPS

*Série Temática "Italianos"*.

Pastas 2, Dossiês "Propaganda Fascista"

"Casa d'Italia"

Pasta 3, Dossiês: "Italianos Livres"

"Mazzini Society"

"Roma, Berlim e Tóquio"

Pasta 6, Dossiê "Sociedade Guilherme Oberdan"

### AEL/ADA

*Microfilmes*

4/380, código 832.00 F.

8/380, código 832 Rev.

16/380, código 832.248.

### Artigos citados

"Il fascista in buona fede". *La Difesa*, IV/129, 9/1/1927.

"Panorama dell'antifascismo", *Quaderni della Libertà*, n.4, 25/1/1933.

"Esposito e i diritti dell'uomo", *Quaderni della Libertà*, n.4, 25/1/1933.

- “Os italianos livres do Brasil reafirmam o propósito de dar as suas energias e seu sangue pela vitória de nossas armas”, *Diário de São Paulo*, 4/9/1943.
- “A liberação dos bens dos italianos”, *Correio Paulistano*, 12/4/1945.
- “Grande manifestação de fraternidade ítalo brasileira”, *Correio Paulistano*, 7/6/1945.
- “La situazione degli italiani in Brasile in conseguenza della guerra: il periodo belico”, *A Voz da Itália*, 23/11/1946
- “De Juiz de Fora - como surge uma associação”, *A Voz da Itália*, 15/2/1947.
- “Brasileiros e italianos confraternizam em festa antifascista”, *A Gazeta*, 11/6/1945.
- “Partigiani”, *Diário Latino*, 25/9/1947.
- “Le estreme onoranze alla memoria di Antonio Piccarolo”, *La Voce d'Italia*, 25/10/1947.

## Bibliografia

- ANDREUCCI, Franco e DETTI, Tommaso. *Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico. 1853-1943*. Roma, Riuniti, 1975, 5 vols.
- BERTONHA, João Fábio. “Mazzolini vs Piccarolo. Fascismo e Antifascismo a confronto nella Sao Paulo degli anni 20”. *Litterature d'America*, 47-48, 1992, p. 139-160.
- \_\_\_\_\_. *O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30*. Campinas, UNICAMP, 1994. (dissertação de Mestrado em História).
- \_\_\_\_\_. “La base sociale dell’antifascismo a Sao Paulo, un’analisi”, In: BLENGUINO, Vanni. *La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*. Milano, Teti Editore, 1994a, p. 390-399.
- \_\_\_\_\_. “Entre burgueses e operários - A representatividade social do antifascismo socialista italiano - São Paulo, 1923-1934”. *História Social*, I, 1, 1994b, p. 117-144.
- \_\_\_\_\_. “O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20”, *História e Perspectivas*, 11, 1994C, p. 233-269.
- \_\_\_\_\_. “Aliados e inimigos: Piccarolo, Frola e a luta antifascista italiana no Brasil”. *Outros Olhares*, 1995 (no prelo).
- \_\_\_\_\_. “A resistência além oceano: os “fuorusciti” italianos e a experiência antifascista brasileira nos anos 30”. *Anos 90*, 4: 59-76, 1995a.
- CANNISTRARO, Philip. “Gli italo americani di fronte all’ingresso dell’Italia nella Seconda Guerra Mondiale”. *Storia Contemporanea*, ano 7, 4, dez/1976, p. 855-864.
- \_\_\_\_\_. e ROSOLI, Gianfausto. “Fascist Emigration Policy in the 1920s: an interpretive framework”. *International Migration Review*, 13, 1979, p. 673-679.
- \_\_\_\_\_. “Fascism and Italian americans”. In: FELICE, Renzo de (org). *Cenni storici sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*, Milano, Franco Angeli, 1979a, p. 125-142.
- \_\_\_\_\_. “Luigi Antonini and the Italian Antifascism movement in the United States”. *Journal of American History*, 1985, p. 21-40.
- CERVO, Amado Luís. “As relações diplomáticas entre Brasil e Itália desde 1861”. In: BONI, Luís A. de. (org.). *A Presença italiana no Brasil*, Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fundazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 21-36.
- \_\_\_\_\_. *As relações históricas entre Brasil e Itália - O papel da diplomacia*. São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992.
- CHIARINI, Ana Maria. *Imigrantes e italianos all’estero: os diferentes caminhos da italianidade em São Paulo*. Campinas, UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).
- COGGIOLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico*. São Paulo, FFLCH/USP, 1995.
- CORSETTI, Berenice. “A reação do Estado Novo aos movimentos políticos da zona de colonização italiana no Rio Grande do Sul”. *História: ensino e pesquisa*, 2, 1986, p. 33-54.
- CRESCIANI, Gianfranco. “Italian Antifascism in Australia, 1922-1945” In: FELICE, Renzo de (org). *Cenni storici sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*. Milano, Franco Angeli, 1979, p. 143-164.
- \_\_\_\_\_. “Italian Fascism in Australia, 1922-1945”. *Studi Emigrazione*, XXV, 90, 6/1980, p. 237-246.
- DE GRAZIA, Victoria de. *Consenso e cultura di massa nell’Italia fascista*. Roma/Bari, Laterza, 1981.
- DELZELL, Charles. “The Italian Antifascist Emigration, 1922-1943”. *Journal of Central European Affairs*, vol. 12, n. 1, abril/1952, p. 20-55.
- FABIANO, Domenico. “I fasci italiani all’estero”. In: Bezza, B. (org). *Gli italiani fuori d’Italia*. Milano, Franco Angeli, 1983, p. 221-236.

- FANESI, Pietro Rinaldo. "El antifascismo italiano in Argentina". *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 4, 12, 1989, p. 319-352.
- \_\_\_\_\_. "El exilio antifascista en America Latina. El caso mexicano. Mario Montagnan y la: Garibaldi" (1941-1943). *Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, II, 3, 1992, p. 39-57.
- \_\_\_\_\_. "El exilio antifascista e la comunità italiana in Argentina", In: BLENGUINO, Vanni. *La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*. Milano, Teti Editore, 1994, p. 115-131.
- FEDELE, Santi. *Storia della Concentrazione Antifascista, 1927-1934*. Milano, Feltrinelli, 1976.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo, Símbolo, 1977.
- GIRON, Loraine S. "O fascismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul". *História: ensino e pesquisa*, 2, 1986, p. 55-64.
- \_\_\_\_\_. *Nas sombras do littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Parlenda, 1994.
- GUERRINI, Irene e PLUVIANO, Marco. "L'organizzazione del tempo libero nelle comunità italiane in America Latina: l'Opera Nazionale Dopolavoro". In: BLENGUINO, Vanni. *La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano, Teti Editore, 1994, p. 378-389.
- HALL, Michael. "Italianos em São Paulo", *Anais do Museu Paulista*, 29, 1979, p. 201-215
- HARVEY, Robert. "Italophobia: English speaking malady?". *Studi Emigrazione*, ano 22, 77, março/1985, p. 6-43.
- HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível - A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1989, 225 p.
- KILLINGER, Charles. "Gaetano Salvemini e le autorità americane. Documenti inediti del FBI". *Storia Contemporanea*, ano XII, n. 3, 1981, p. 403-439.
- LEIVA, Maria de Luján. "Il movimento antifascista italiano in Argentina (1922-1945)" in BEZZA, B. *Gli italiani fuori d'Italia*. Milano, Franco Angeli Editore, 1983, p. 549-582.
- LIBERATI, Luigi Bruti. "La società canadese e il fascismo: "view from a fire proof house". *Storia Contemporanea*, ano 13, n. 4/5, outubro/1982, p. 877-908.
- \_\_\_\_\_. "OVRA e Royal Canadian Mounted Police a confronto: il controllo politico sulla comunità italo-canadese negli anni tra le due guerre mondiali". *Storia Contemporanea*, ano 15, n. 3, junho/1984, p. 421-441.
- MARAM, Sheldom. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- MARIANI, Mário. *Vent'anni dopo*. Milano, Sonzogno, 1947.
- MAROCCO, Gianni. "Per una storia della collettività italiana in Uruguai: L'incidente di Durazno (1941)". In: *Quaderni*, n. 4, jan/1993, p. 176-186.
- MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo - O empresário e a empresa*. São Paulo, Hucitec, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Subúrbio*. São Caetano do Sul/São Paulo, Prefeitura São Caetano do Sul/Hucitec, 1992.
- MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. Terceira Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- MAZZOLINI, Serafino. *Parole di Fede*. São Paulo, A. Tisi, 1929.
- MILLER, James. "Carlo Sforza e l'evoluzione della politica americana verso l'Italia, 1940-1943", *Storia Contemporanea*, VII, 4, dez/1976, p. 825-854.
- NEWTON, Ronald. "Patria, Cuál Patria? Italo argentinos y germano argentinos en la era de la renovación nacional fascista, 1922-1945", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, VII, 22, dez/1992, p. 401-424.
- PICCAROLO, Antonio. *Valor Histórico e Moral de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1944.
- RAPONE, Leonardo. "Pietro Nenni, la seconda guerra mondiale e le prospettive del socialismo italiano. Il "Nuovo Avanti" clandestino del 1942", *Storia Contemporanea*, ano XI, n. 4/5, out/1980, p. 859-900
- ROGATTO, Geraldo M. "Achiropita, Fettucine e vinho. Sobre a italianidade e a colônia italiana em São Paulo", In: BONI, Luís A. de. (org.). *A Presença italiana no Brasil*. Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fundação Giovanni Agnelli, 1990, p. 411-424.
- SALVETTI, Patrizia. "La comunità italiana di San Francisco tra italianità e americanizzazione negli anni 30". *Studi Storici*, XIX, 65, 1982, p. 3-40
- SANTARELLI, Enzo. "Intorno ai fasci all'estero", In: *Fascismo e neofascismo*. Roma, Riuniti, 1974, p. 113-133.
- SCARANO, Júlia M. Leonor. "Considerações preliminares sobre uma cidade de imigração teuto italiana e os efeitos do Segundo Conflito Mundial", In: *Colonização e*

- Migração. Anais do Iv Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, Coleção da Revista Brasileira de História 31, São Paulo, 1969, p. 507-532.
- SEITENFUS, Ricardo Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942 - O processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1985.
- \_\_\_\_\_. "As relações entre Brasil- e Itália no período 1918-1939", In: BONI, Luís A. de. (org.). *A Presença italiana no Brasil*, Vol. II, Porto Alegre/Torino, EST/Fundação Giovanni Agnelli, 1990, p. 37-52.
- TRENTO, Ângelo. "Il Brasile, gli immigrati e il fenomeno fascista", In: BLENGUINO, Vanni. *La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano, Teti Editore, 1994, p. 250-264.
- \_\_\_\_\_. *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1989.
- TIRABASSI, Madalena. "La Mazzini Society (1940-1946): un'associazione degli antifascisti italiani negli Stati Uniti", In: SPINI, Giorgio et alii. *Italia e America dalla grande guerra ad oggi*. Padova, Marsilio, 1976, p. 141-158.
- VECOLI, Rudolph. "Pane e Giustizia. Breve storia del movimento operaio italiano in America". *La parola del Popolo*, jul/ago. 1989, p. 82-89.